



DOI 10.20396/conex.v16i4.8653984

Artigo Original

## *A constituição e o processo coletivo de criação do Grupo Ginástico Unicamp pelas vozes de seus coordenadores*

Giovanna Regina Sarôa<sup>1</sup>  
Eliana Ayoub<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo central compreender e analisar a constituição da proposta de Ginástica para Todos (GPT) do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), cuja trajetória, desde 1989, tem sido marcada por um conjunto de ações, em diversos âmbitos, que vão muito além das apresentações de suas composições coreográficas, unindo as esferas do ensino, da pesquisa e da extensão na universidade. Essa trajetória abrange a divulgação de sua proposta de GPT por meio de disciplinas da Faculdade de Educação Física da Unicamp, de palestras e cursos para públicos em diferentes contextos, assim como a participação na organização de eventos acadêmicos, o que transformou o GGU num grupo com grande expressão no cenário da ginástica tanto no Brasil como no exterior. Esta investigação fez uso de entrevistas com todos os coordenadores que atuaram/atua no GGU, desde sua criação, adotando a história oral como perspectiva metodológica. As narrativas dos entrevistados revelaram que um dos eixos principais da proposta do GGU é o processo coletivo de criação.

**Palavras-chave:** Grupo Ginástico Unicamp. Ginástica para Todos. Ginástica Geral. Processo de criação.

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas

Recebido em: 13 nov. 2018

Aprovado em: 28 nov. 2018

Contato: ayoubeliana@gmail.com

## *The composition and collective creation process of Unicamp Gymnastic Group in the words of its coordinators*

### ABSTRACT

This research is aimed at understanding and analyzing the Gymnastics for All (GfA) proposal of the Unicamp Gymnastic Group (GGU). Since its creation, in 1989, GGU journey has implemented several actions – in various domains – that go beyond performing its choreographic compositions, merging the realms of teaching, research and outreach activities of the university. This journey encompasses sharing its perspectives on GfA in disciplines at the Physical Education School of Unicamp, in lectures and workshops to various audiences and venues. It also includes the participation of the group in the organization of academic events, which has given GGU considerable reputation in Gymnastics, both in Brazil and abroad. This research also includes interviews with all the coordinators who have acted/act in the GGU since its creation, using the oral history methodology. The narratives of the interviewees indicate that one of the guiding principles of GGU's work is the collective creation process.

**Keywords:** Unicamp Gymnastic Group. Gymnastics for All. General Gymnastics. Creation process.

## *La constitución y el proceso colectivo de creación del Grupo Gimnástico Unicamp por la voces de sus coordinadores*

### RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo central comprender y analizar la constitución de la propuesta de Gimnasia para Todos (GPT) del Grupo Gimnástico Unicamp (GGU), cuya trayectoria, desde 1989, se ha destacado por una variedad de acciones, en diversos ámbitos, que van más allá de presentaciones en sus composiciones coreográficas, uniendo las esferas de enseñanza, de investigación y extensión de la universidad. Esta trayectoria incluye la divulgación de su propuesta de GPT a través de disciplinas de la Facultad de Educación Física de la Unicamp, de palestras y cursos para públicos en diferentes contextos, además de la participación en la organización de eventos académicos, lo que transformó el GGU en un grupo con grande expresión en el escenario de la gimnasia tanto en Brasil como en el exterior. Esta investigación hizo uso de entrevistas con todos los coordinadores que actuaron / actúan en el GGU, desde su creación, adoptando la historia oral como perspectiva metodológica. Las narrativas de los entrevistados revelaron que uno de los pilares principales de la propuesta del GGU es el procedimiento colectivo de creación.

**Palabras Clave:** Grupo Gimnástico Unicamp. Gimnasia para Todos. Gimnasia General. Proceso de creación.

## INTRODUÇÃO

Criado em 1989, o Grupo Ginástico Unicamp (GGU) é um grupo de Ginástica para Todos (GPT) da Faculdade de Educação Física da Unicamp (FEF/Unicamp). Sua trajetória tem sido marcada por um conjunto de ações, em diversos âmbitos, que vão muito além das apresentações de suas composições coreográficas, unindo as esferas do ensino, da pesquisa e da extensão na universidade. Essa trajetória abrange a divulgação de sua proposta de GPT por meio de disciplinas da FEF/Unicamp, de palestras e cursos para públicos em diferentes contextos, assim como a participação na organização de eventos acadêmicos, como por exemplo o “Fórum Internacional de Ginástica para Todos” (<http://www.forumgpt.com/>), o que transformou o GGU num grupo com grande expressão no cenário da ginástica tanto no Brasil como no exterior.

Este artigo sobre o GGU deriva da pesquisa de doutorado realizada por Giovanna Regina Sarôa (SARÔA, 2017) sob orientação de Eliana Ayoub, a qual teve como objetivo central compreender e analisar a constituição da proposta de Ginástica para Todos do Grupo Ginástico Unicamp. Para tal, foram realizadas entrevistas com todos os coordenadores que atuaram/atuam no GGU, desde sua criação, adotando a história oral como perspectiva metodológica. Ressaltamos que ambas as autoras foram integrantes do GGU e vivenciaram durante anos sua proposta de trabalho.<sup>3</sup>

Apresentaremos inicialmente os caminhos trilhados na pesquisa<sup>4</sup>, explicitando nossas escolhas metodológicas, para num segundo momento, trazeremos o percurso de criação do Grupo Ginástico Unicamp e a constituição de sua proposta de Ginástica para Todos, a qual tem, no processo coletivo de criação, sua centralidade.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para atingir nosso propósito de investigação, além da pesquisa bibliográfica, entrevistamos os responsáveis pela constituição do GGU desde sua criação: seus ex-coordenadores e coordenadores<sup>5</sup>. A decisão de entrevistá-los foi tomada por visualizarmos o significado ímpar de fazer emergir a memória desses importantes protagonistas. Para tal, apoiamos-nos na história oral, que já vem sendo utilizada pela primeira autora deste artigo desde a sua pesquisa de mestrado (SARÔA, 2005).

Assim como Guedes-Pinto, Gomes e Silva (2008, p. 12), concebemos “a memória como algo singular e compartilhado, elaborado na relação com o outro”. Nessa perspectiva, as

---

<sup>3</sup> Desde 2013, Giovanna Sarôa coordena o Grupo Ginástico Ânima Unicamp (GGU Ânima) constituído por mulheres que fizeram parte do GGU (inclusive suas criadoras - Elizabeth Paoliello e Vilma Nista-Piccolo). Eliana Ayoub também é integrante desse grupo. Para maiores informações sobre o GGU Ânima, consultar Sarôa, Paoliello, Ayoub (2016).

<sup>4</sup> Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unicamp (Parecer CAAE: 20707813.2.0000.5404).

<sup>5</sup> As entrevistas foram realizadas no período entre outubro de 2013 e fevereiro de 2015.

memórias de cada um dos entrevistados foram ganhando formas e imagens que nos conduziram ao cenário de constituição da proposta de Ginástica para Todos do GGU.

De nossa parte, ouvir suas histórias foi o mesmo que mergulhar em seus pensamentos, vivências, lutas, lembranças e olhares, o que nos permitiu encontrar nas entrelinhas, nos bastidores, indícios significativos para compreender o enredo dessa história, possibilitando a construção de um caleidoscópio das memórias narradas.

De acordo com Alberti (2013, p. 18-19, grifo da autora), “o que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo *compreender* as expressões de sua vivência”. A mesma autora ressalta ainda que, em relação às entrevistas de história oral, é necessária “[...] uma preparação criteriosa, que nos transforme em interlocutores à altura de nossos entrevistados, capazes de entender suas expressões de vida e de acompanhar seus relatos” (ALBERTI, 2013, p. 19). Nesse sentido, consideramos que a pesquisadora estava “à altura de nossos entrevistados”, uma vez que faz parte do grupo e também os conhece proximamente. Por outro lado, essa proximidade, ao mesmo tempo em que favoreceu a interlocução com os entrevistados, que se sentiram extremamente à vontade para narrar suas trajetórias com o GGU, exigiu da pesquisadora uma “preparação criteriosa”, no sentido de exercitar uma escuta atenta para o que estava sendo narrado, a fim de tornar o diálogo vivo e profundo, ou mesmo para assegurar que a entrevista não resvasse para a informalidade. Além disso, essa condição de proximidade exigiu, no processo de análise das entrevistas, certo distanciamento do que já lhe era muito familiar.

Como sabemos, “a História Oral se apóia fortemente em fontes orais de pesquisa, ou seja, nos depoimentos de pessoas comuns, que viveram plenamente ou apenas presenciaram determinados eventos” (GUEDES-PINTO; GOMES; SILVA, 2008, p. 14). Embora sejam pessoas “comuns”, os nossos entrevistados são interlocutores privilegiados para nosso objeto de investigação e seus depoimentos revelaram fios de uma história tecida a muitas mãos.

Na história oral, as entrevistas tornam-se importantes fontes de conhecimento, pois possibilitam trazer à tona experiências vividas pelos sujeitos e fatos ainda desconhecidos ou mesmo esquecidos. Nesse sentido, a história oral tem como objetivo colaborar na recuperação de um passado muitas vezes omitido pela história oficial, juntamente com as fontes documentais. Para Alberti (1990, p. 2), o caráter elucidativo dos depoimentos orais nos ajuda a

[...] ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares: de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes versões e testemunhos.

Daí a potência da história oral na pesquisa acadêmica, pois, por permitir o entrelaçamento das histórias narradas por diferentes sujeitos, pessoas “comuns” ou interlocutores privilegiados, auxilia-nos no processo de elucidação de diferentes temáticas. E foi justamente isso que aconteceu nesta investigação, ao nos depararmos com as memórias

dos protagonistas que testemunharam e construíram (e vêm construindo) a história do GGU.

Os protagonistas desta história foram: Elizabeth Paoliello (coordenadora do GGU de 1989 a 2006); Vilma Nista-Piccolo (coordenadora do GGU de 1989 a 1991); Jorge Sergio Pérez Gallardo (coordenador do GGU de 1992 a 2003); Eliana de Toledo (coordenadora do GGU de 2005 a 2006; integrante do GGU de 1992 a 2005); Marco Antonio Coelho Bortoleto (coordenador do GGU de 2006 até os dias atuais; integrante do GGU de 1997 a 2000); Larissa Graner (coordenadora do GGU de 2007 a 2017; integrante do GGU de 2001 a 2007).

Chegada a hora das entrevistas<sup>6</sup>, gravador em punho, ocorreu o encontro. A pesquisadora apresentou a temática do estudo e os entrevistados foram convidados a narrar suas histórias: “*Fale sobre a sua história no GGU*”. Espaço, tempo, atenção: narrar a história do GGU, sua criação, ascensão, desafios e conquistas, sob seus olhares e pontos de vista; narrar os acontecimentos de uma perspectiva particular; narrar como suas histórias pessoais estão atreladas à jornada do GGU; narrar suas vivências, contribuições, construções, sentimentos e emoções. Nossa intenção foi conhecer acontecimentos da história do GGU - ainda não registrados - que fizeram parte da experiência vivida por essas pessoas e que permitiram reconstruir e “montar” um caleidoscópio de lembranças, fazendo aflorar em suas narrativas experiências do passado, de grande relevância para a compreensão do presente e de possíveis ações futuras do GGU.

Importante ressaltar que as narrativas não são lineares – ao contrário, são repletas de movimentos do pensamento que vão e vêm. E, além disso, cada pessoa que lê uma narrativa enxerga algo diferente de outra, nas linhas e entrelinhas, pois a narrativa é cheia de brechas, tem final sempre aberto a novas interpretações. Portanto, uma das maiores características das narrativas é colocar o leitor em mobilização: em um encontro intersubjetivo – a subjetividade do narrador dialoga com a subjetividade do leitor –, a narrativa oferece uma constante abertura para novos sentidos e conexões (PETRUCCI-ROSA et al., 2011).

Gostamos de pensar nas narrativas como um caleidoscópio, formado por fragmentos de diferentes contextos. O caleidoscópio é um brinquedo óptico composto por diversos fragmentos (pequenas peças) que mudam a composição de figura a cada movimento. Conforme o movimento que se faz no caleidoscópio (ou a leitura que se faz nas narrativas), veem-se diferentes figuras, leem-se diferentes histórias. Isso é possível porque não há linearidade; o que existe são fragmentos de memórias. E foi assim que trouxemos as narrativas de nossos entrevistados para o texto: uma composição de excertos que nos convidam a decifrar esta história.

A análise das entrevistas foi feita com base no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), a fim de elucidar, por meio de indícios, pistas, sinais, detalhes, o que nos parecia óbvio no início da pesquisa. Como afirma Ginzburg (1989, p. 144), “[...] é necessário examinar os

<sup>6</sup> Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram gravadas, transcritas – e enviadas aos entrevistados para leitura, revisão e autorização final para utilização do material neste trabalho. Os excertos utilizados na pesquisa passaram por um processo de textualização (MEIHY, 2005).

pormenores mais negligenciáveis” e, assim, trazer para a cena o que estava opaco e obscuro.

Mergulhamos nas entrevistas, debruçando-nos cuidadosamente em cada ideia, numa incessante busca por pistas, sinais, que nos remetessem aos elementos implícitos nas suas narrativas de histórias contidas nos bastidores do GGU, nos relatos de suas vivências nesses corredores; que pudessem trazer luz a detalhes que costumam passar despercebidos, mas cujos sentidos construíram a trajetória do GGU.

## GRUPO GINÁSTICO UNICAMP: CRIAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DE SUA PROPOSTA DE GINÁSTICA PARA TODOS

Entender a origem do Grupo Ginástico Unicamp implica em conhecer os passos de suas precursoras, Vilma Nista-Piccolo e Elizabeth Paoliello, que foram parceiras de trabalho desde a época em que ambas eram professoras de Educação Física no Instituto Educacional Imaculada (em Campinas-SP) e no Clube Campineiro de Regatas e Natação (CCRN, em Campinas-SP), na década de 1970. Elas desenvolviam trabalhos voltados às modalidades gímnicas (ginástica artística e ginástica rítmica) e, igualmente, organizavam festivais de ginástica para apresentar as composições coreográficas aos familiares e ao público em geral.

Eu já tinha me formado, mas estava trabalhando no Colégio Imaculada, então não quis ir para São Paulo. Eu comecei a dar aula nesse colégio e depois eu convidei a Beth [Elizabeth Paoliello], porque tinha uma vaga lá dois anos depois que eu tinha entrado. E também, em ‘74, eu a convidei para trabalhar comigo no Regatas; eu tinha formado um grupo de ginástica feminina moderna, que na época estava mudando o nome para ginástica rítmica. (VILMA NISTA-PICCOLO)

Bom, no começo, quer dizer, a origem de tudo eu acho que se deu numa época em que eu era professora de Educação Física no Colégio Imaculada e ao mesmo tempo técnica de GR no Regatas e de ginástica estética, na época, para senhoras. (ELIZABETH PAOLIELLO)

A experiência e o entusiasmo pela ginástica permitiram que elas desenvolvessem trabalhos de grande visibilidade na cidade de Campinas-SP, com a participação de muitas crianças e jovens, na escola, e atletas, no clube. Engajadas em ginásticas de competição, trabalharam por anos com as modalidades gímnicas oficiais nesses espaços.

Mesmo direcionadas para a ginástica artística (GA) e a ginástica rítmica (GR), as duas professoras se preocupavam com as dificuldades das crianças e jovens que não tinham bom desempenho nessas modalidades e, portanto, não eram selecionadas para participação em campeonatos. Essa visão educacional as levou a promover festivais de ginástica que incluíam todos os participantes, como dissemos anteriormente. Sem o saber e sem utilizar uma



denominação específica, elas já desenvolviam uma prática próxima da perspectiva da GPT, que atualmente é difundida no Brasil.

Se a menina não demonstrava jeito, era mais pesada, menos flexível, eu sabia que seria muito difícil se tornar uma ginasta de competição, mas assim mesmo eu a deixava participar, me entende? E muitas vezes eu até me espantava ao ver o quanto ela progredia, como ela aperfeiçoava sua execução por conta do próprio estímulo e da oportunidade que dávamos a ela. E então, em '73, criei um festival para que essas crianças que não conseguiam competir pudessem participar, porque na competição eram só seis, eu era obrigada a escolher as seis melhores para competir, e muitas outras crianças ficavam de fora. Mas, num festival, todas podiam se apresentar. O que fazíamos nos festivais era GG [Ginástica Geral] e eu não sabia. Em '74 eu já tinha o grupo da GR, nós já tínhamos GA, GR, e ainda muitas crianças e senhoras fazendo ginástica localizada. Então, eu resolvi preparar um festival de ginástica e dança. Na apresentação de dança, como chamávamos, eu colocava elementos das ginásticas, e essa foi a minha primeira proposta de unir ginástica e dança. [...] Uma vez, eu falei para Beth [Elizabeth Paoliello]: “Eu tenho vontade de criar uma ginástica, uma ginástica nova, uma ginástica diferente da ginástica olímpica, da ginástica rítmica, porque essas são de competição, competição, competição. Eu queria criar uma ginástica que a gente pudesse misturar a dança, um pouco da GR e um pouco da GA”. [...] Eu acho que a Ginástica Geral para nós, o significado real da prática da Ginástica Geral, nasceu ali naqueles festivais que organizávamos. Nós não sabíamos o que era Ginástica Geral, mas o que criávamos era Ginástica Geral. (VILMA NISTA-PICCOLO)

Nós duas, tanto no clube, como no colégio, organizávamos festivais de ginástica. No Colégio Imaculada, fazíamos a abertura das Olimpíadas, com grande festival, com muitas coreografias dos alunos e tudo; e, no Regatas, era o festival anual do Regatas que era famoso na cidade. Às vezes, fazíamos até dois ou três dias de festival, porque era muito público, era muito concorrido, todo mundo ia assistir. [...] E nós sempre falávamos: “Ah, um dia nós vamos fazer um grupo só de apresentação, sem competição. (ELIZABETH PAOLIELLO)

Essa parceria cresceu ao longo de suas trajetórias profissionais, e, em 1986, quando já eram professoras da FEF/Unicamp, começaram a desenvolver vários projetos na área da ginástica. O desejo antigo de criar um grupo “*só de apresentação, sem competição*” começou a ganhar corpo e forma.

Foi em 1989 que a GPT começou a despontar na FEF/Unicamp, pelas mãos dessas professoras. Um prospecto sobre um festival de GPT que ocorreria em Buenos Aires/Argentina, a VI Gimnasíada Americana, foi entregue a elas pelo diretor da FEF/Unicamp (João Batista Andreotti Gomes Tojal, diretor de 1985 a 1990), sugerindo que representassem a Unicamp nesse evento.

Participar da Gimnasíada Americana era a oportunidade esperada para concretizar aquilo que vinham projetando há anos. Portanto, essa iniciativa representou o nascimento do Grupo Ginástico Unicamp, transformando um sonho em realidade: criar um grupo “*só de*

*apresentação, sem competição*”, no qual as participantes pudessem expressar suas habilidades gímnicas e manifestar sua criatividade por meio de composições coreográficas livres das exigências impostas pelas contundentes regras estruturais das modalidades gímnicas competitivas.

Grupo criado, chegou a hora de apresentá-lo. Com a primeira composição coreográfica pronta, “Guaicá”<sup>7</sup>, sua estreia aconteceu na própria cidade de Campinas-SP, por ocasião da realização do Festival Sesc Mobil de Ginástica e Dança, antes de embarcarem para Buenos Aires. Após sua apresentação em Campinas-SP, o GGU embarcou rumo à Gimnasíada Americana, em Buenos Aires, onde sua participação teve grande reconhecimento.

Quando fomos para a Gimnasíada Americana, o que se destacou lá foram os detalhes: a roupa que era linda, impecável, aquele macacão azul marinho, com aquelas faixas em azul mais claro. [...] Os elementos bem executados, ninguém fazia com braço dobrado, com pé em flexão, a técnica era muito bem aplicada em todos os movimentos, eram limpos; e a música bem escolhida, combinando com tudo. Eu sempre falei: “Beth [Elizabeth Paoliello], são três elementos que nós temos forte: a música bem escolhida, a execução muito bem feita e a roupa, a indumentária bonita”. [...] Na Gimnasíada, apresentamos a primeira coreografia do grupo. [...] O presidente da Federação Internacional de Educação Física, um francês que estava presente, nos chamou na sala e nos deu o título do melhor trabalho da Gimnasíada. Olhei para cara da Beth [Elizabeth Paoliello] e falei: “Deu certo, nossa ideia deu certo”. (VILMA NISTA-PICCOLO)

Nós fomos super bem no festival [Gimnasíada Americana], elogiadas e reconhecidas como melhor grupo que se apresentou, e trouxemos uma carta para a Confederação Brasileira [de Ginástica], nos apoiando para participarmos da próxima Gimnasíada Americana, que ia acontecer no próximo ano. Voltamos cheias de si, todas felizes. E começamos a nos preparar, depois dessa volta, para a Gymnaestrada Mundial [World Gymnaestrada] da Holanda em ‘91, que era nossa próxima meta. Isso é uma coisa que sempre aconteceu no GGU, durante todos os anos que eu fui coordenadora [...]. A gente sempre trabalha com uma meta a longo prazo, um objetivo a longo prazo, que motiva as pessoas a se manterem no grupo, a treinar. (ELIZABETH PAOLIELLO)

Diante de uma nova meta traçada, no ano de 1991, o GGU viajou para Amsterdã/Holanda, onde participou pela primeira vez de uma Gymnaestrada Mundial. Mais um importante objetivo realizado, tendo em vista que se tratava de um evento de que poucos grupos brasileiros haviam tido o privilégio de participar até então.

Nessa ocasião, apenas a professora Elizabeth Paoliello acompanhou o grupo, pois a professora Vilma Nista-Piccolo estava se desligando do GGU devido a outros compromissos. A primeira participação do GGU na Gymnaestrada Mundial da Holanda significou um marco na história do grupo.

<sup>7</sup> Informações sobre todas as composições coreográficas mencionadas neste artigo podem ser encontradas em Paoliello et al. (2014).



Integrar a delegação brasileira e desfilar por ela, uma ginasta do GGU à frente, levando a bandeira do Brasil<sup>8</sup> — um sonho que durante dois anos foi sendo construído coletivamente e que finalmente foi alcançado. Nesse evento, do qual tomaram parte 30 países e 18.400 ginastas, a delegação brasileira teve oportunidade de participar da “Noite Luso-brasileira” e o GGU foi convidado a exhibir-se na “FIG Gala” representando o Brasil, com a composição *Lambachiana*. Muito mais do que o esperado, esse “privilegio” de participar da “FIG Gala”, ao lado dos grupos mais representativos de outros países tradicionais nesse evento, mostrou o valor do GGU e de sua proposta, cujo reconhecimento pôde já ser percebido logo nos seus primeiros passos mais ousados — um perfil corajoso que foi herdado por outras gerações. (PAOLIELLO et al., 2014, p. 187)

A partir dessa primeira experiência na Gymnaestrada Mundial, o grupo passou a ter como meta participar desse evento a cada quatro anos, bem como de outros festivais internacionais que foram sendo gradativamente conhecidos pelo grupo. Com isso, o GGU tornou-se ainda mais reconhecido entre seus pares: recebeu novos convites para participar de outros eventos e festivais internacionais, o que o levou a realizar diversas viagens e intercâmbios acadêmicos (PAOLIELLO et al., 2014).

As narrativas das fundadoras do Grupo Ginástico Unicamp revelam quão importantes foram os primeiros passos do GGU. Nos seus dois primeiros anos de existência, da Gimnasíada Americana à Gymnaestrada Mundial, vimos nascer um grupo universitário de GPT, que buscou congregar as esferas do ensino, da pesquisa e da extensão.

Nesse contexto, as professoras Vilma Nista-Piccolo e Elizabeth Paoliello apresentaram à FEF/Unicamp um projeto de extensão, relacionado ao ensino e à pesquisa, apoiado em estudos sobre o movimento humano, integrando elementos da ginástica artística, da ginástica rítmica e da dança, dentro de uma proposta de GPT. Portanto, a criação do GGU desencadeou outras atividades relacionadas ao desenvolvimento de projetos de ginástica na universidade, além daqueles já em andamento desde 1986.

Cabe destacar que alguns anos mais tarde, em 1993, foi criado o Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral, sob coordenação da professora Elizabeth Paoliello e do professor Jorge Pérez Gallardo, que, como veremos mais adiante, entrou na coordenação do GGU em 1992. Desde 2007, o grupo passou a ser denominado Grupo de Pesquisa em Ginástica e atualmente é coordenado pelos professores Laurita Marconi Schiavon e Marco Antonio Coelho Bortoleto.

Grupo Ginástico Unicamp, um sonho tornado realidade que permite alçar outros voos... Sonho tornado realidade, que traz consigo modos de conceber uma proposta de GPT que foi se transformando ao longo dos anos, a partir da entrada de novos personagens nessa história. Dentre esses personagens, foram seis coordenadores e mais de 200 integrantes, conforme informações no capítulo “GGÚnicas – GGÚnicos” - termo carinhosamente adotado por todos nós (PAOLIELLO et al., 2014, p. 53). Atualmente, estima-se que mais de 240

---

<sup>8</sup> Essa ginasta era Eliana Ayoub.

pessoas já tenham feito parte do grupo (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017).

Como vem se constituindo a proposta de Ginástica para Todos do GGU? O que os coordenadores e os ex-coordenadores do GGU narram sobre essa proposta? Quais são as permanências e as transformações que a acompanham? Essas são algumas das questões que nos conduziram neste percurso investigativo para compreender e analisar o processo de constituição da proposta de Ginástica para Todos do GGU.

Durante os seus primeiros anos de existência (1989-1991), a proposta do GGU tinha como eixo principal de trabalho a GA, a GR e a dança, valorizando movimentos muito bem executados, tecnicamente bem feitos, movimentos “limpos”, pois suas integrantes eram ex-ginastas experientes, com formação técnica em alto nível, familiarizadas com contextos de competição. Ainda fortemente influenciadas pelas ginásticas competitivas, traziam em suas bagagens uma experiência corporal calcada nas técnicas das modalidades gímnicas, o que marcou inicialmente a proposta de GPT do GGU.

Em 1992, com a saída da professora Vilma Nista-Piccolo, momento em que a professora Elizabeth Paoliello convidou o professor Jorge Pérez-Gallardo, da FEF/Unicamp, para partilhar a coordenação do grupo, a proposta do GGU começou a passar por transformações significativas.

Com a Vilma [Nista-Piccolo], nessa primeira fase, nós éramos muito preocupadas com a técnica, com a performance, com o movimento muito perfeito, baseada na GA, na GR e na dança. Essa era a nossa base de movimento. Com a entrada do Jorge [Pérez Gallardo], nós passamos para um outro estilo, que era o trabalho com materiais alternativos, e o que importava mais era o processo e menos o produto final. Com isso nós demos oportunidade para outras pessoas, que não eram ginastas, que não tinham sido ginastas, de experimentar a Ginástica Geral e participar, incorporar, serem incorporadas no grupo. (ELIZABETH PAOLIELLO)

A minha participação no GGU aconteceu assim. Ingressei na FEF no ano 1987, estando ainda estudando no mestrado na USP, quis criar um grupo de pesquisa em Ginástica Rítmica Formativa na FEF, na primeira reunião estiveram a Beth [Elizabeth Paoliello], a Nana [Eliana Ayoub] e um pequeno grupo de alunos. Fomos aproximadamente dez pessoas. Ao segundo encontro, vieram quatro; ao terceiro, somente três. Aí, não dava. Eu morava em São Paulo e tinha que ficar até tarde, incluso perdendo a carona. Aí desisti! [...] Mais tarde a Beth [Elizabeth Paoliello] e a Vilma [Nista-Piccolo] formaram um grupo com as ginastas de GA e GR que elas tinham formado no Regatas. Formaram o grupo, com duas coreografias, “Guaicá” e “Lambaquiana”, que levaram pra Gymnaestrada, na Holanda. Nesse entretanto, a Vilma [Nista-Piccolo] saiu do grupo, e a Beth [Elizabeth Paoliello] me convidou para ir à Holanda. Eu falei: “Olha Beth [Elizabeth Paoliello], eu adoraria ir; porém, ficaria muito ruim, sabendo que eu podia ter trabalhos que poderiam concorrer com os deles. Neste trabalho que vocês levam não tem nada meu. Então, voltando, eu me incorporo”. E foi o que fiz, aí me incorporei e comecei a mostrar minha orientação. [...] Minha primeira participação com a proposta pedagógica foi com a coreografia de “Bambu”. (JORGE PÉREZ GALLARDO)

Nesse mesmo ano (1992), a professora Eliana de Toledo iniciou sua atividade no grupo como integrante, praticamente ao mesmo tempo em que ingressou no curso de graduação na FEF/Unicamp. Anos mais tarde, no período de 2004 a 2006, ela viria a ser coordenadora do GGU. Tendo vivenciado toda a movimentação das preparações do grupo para participar da Gymnaestrada Mundial na Holanda, em que os treinos coreográficos eram intensos e a técnica pautada nas modalidades gímnicas era muito valorizada, a professora Eliana de Toledo afirma:

Eu lembro claramente em '91, quando eu entrei, mas de novo nesse contexto que era o da preparação para a Gymnaestrada, que havia muito treino coreográfico, mas antes das coreografias, havia as “diagonais”, passagens de elementos corporais e acrobáticos, com correção técnica das coordenadoras, ou pelos próprios colegas, já que a maioria ali já era professor. O Ronaldo [Ronaldo Masaharu Ichiyama] e a Eliana [Eliana Ayoub] eram graduandos da FEF, mas ex-ginastas. Mesmo assim, a maioria ali era formada, então um corrigia o outro, dava segurança para fazer outros elementos. Tinha essa coisa da técnica bem presente, e eles se cobravam também nisso, limpeza de movimentos, dizendo: “não podemos fazer feio, esse mortal está muito baixo, essa perna no jeté flexionada” [...]. (ELIANA DE TOLEDO)

Acentua-se, nas narrativas acima, o que vimos afirmando sobre quão valorizada era a execução correta dos movimentos, de acordo com a lógica técnica das ginásticas competitivas no início das atividades do GGU. Por outro lado, podemos considerar como um importante marco na proposta de Ginástica para Todos do GGU a entrada do professor Jorge Pérez Gallardo. Sua atuação como coordenador do grupo, ao lado da professora Elizabeth Paoliello, trouxe grandes mudanças ao trabalho do GGU, novas ideias foram incorporadas. Da valorização da técnica até então calcada, sobretudo, na GA e na GR, o GGU deu um salto em direção a outras perspectivas impulsionadas pela introdução de uma proposta pedagógica com ênfase na socialização e na formação humana.

[...] a mudança pedagógica do grupo, didático-metodológica, muda de fato com a entrada do Jorge [Pérez Gallardo] [...], no que diz respeito à fundamentação teórica. Mas no que diz respeito à formação humana, a Beth [Elizabeth Paoliello] já valorizava e fazia isso, porque a pessoa e a educadora Elizabeth [Paoliello] sempre foi cuidadosa com a formação humana e os valores – eu (e muitos alunos) vivi isso em suas aulas, em orientação de projetos de extensão e fora das atividades acadêmicas. Então, eu acho que, quando o Jorge [Pérez Gallardo] chegou com a perspectiva do Maturana<sup>9</sup>, a Beth [Elizabeth Paoliello] ficou muito feliz, porque ela viu uma perspectiva teórica que embasasse de forma direta o que ela indiretamente já vinha fazendo. Então, não é dizer que a formação humana começou a ser valorizada quando o Jorge [Pérez Gallardo] entrou, isso não é verdade. A Beth [Elizabeth Paoliello] e a Vilma [Nista-Piccolo], mas especialmente a Beth [Elizabeth Paoliello], com a qual eu tive mais contato na coordenação do grupo, ficou muito satisfeita com essa proposta do Jorge [Pérez Gallardo], pois essa também era sua preocupação com a formação humana, de abafar uns egos e elevar outros, de valorizar as diferenças, as potencialidades de

<sup>9</sup> Referência às ideias de Humberto Maturana, na obra *Formación humana y capacitación*, em coautoria com Sima Nisis de Rezepka (MATURANA; REZEPKA, 2000).

cada um, então a Beth [Elizabeth Paoliello] já vinha trabalhando dessa forma. Quando o Jorge [Pérez Gallardo] traz isso não acho que seja inovador para o grupo, mas vai ao encontro e dá respaldo teórico para um trabalho que a Beth [Elizabeth Paoliello] já vinha fazendo, que na verdade só se potencializa com a entrada do Jorge [Pérez Gallardo]. O foco escolar e a exploração de materiais alternativos, isso sim, para mim é totalmente novo no GGU, porque a gente não tinha essa perspectiva, era um grupo de ex-atletas que queriam se apresentar em ginástica. (ELIANA DE TOLEDO)

Uma proposta de GPT mais participativa, com inclusão de outras manifestações da cultura corporal além da GA, GR e da dança, com maior valorização da criatividade e da interação social, foi sendo adotada pelo GGU.

Além da marcante transformação das bases de movimento, proporcionando ampliação das referências gestuais no trabalho do GGU, com a chegada do professor Jorge Pérez Gallardo, ocorreu também a entrada de novos integrantes no grupo, que não eram necessariamente ex-atletas. Portanto, a participação de moças e rapazes interessados na prática da ginástica, universitários oriundos de várias áreas, foi trazendo aos poucos uma nova configuração ao GGU, que, até então, era composto hegemonicamente por mulheres. Observamos, assim, novos contornos a um trabalho que já vinha sendo feito pelas suas fundadoras, no sentido de aprofundar as relações de cooperação e participação que são tão valorizadas na GPT. A esse respeito, assim se expressa o professor Jorge Pérez Gallardo:

A minha contribuição ao grupo foi essa visão, de fazer a coisa coletiva, de conjunto, a corresponsabilidade na construção do conhecimento e na autoconstrução, de sentir a empatia, esses valores humanos de convívio social. São essas coisas que nos faziam sentir bem depois do treino, apesar do cansaço. Esse cansaço era gostoso e, o mais importante, saíamos todos muito mais amigos. Agora, a parte mais gostosa foi quando conseguimos ter mais meninos que meninas. Acredito que, dentro de todo o tempo que fiquei na liderança do GGU, esse momento foi o melhor. Quebramos a hegemonia feminina. (JORGE PÉREZ GALLARDO)

A proposta de GPT do GGU, compartilhada e desenvolvida pelos professores Jorge Pérez Gallardo e Elizabeth Paoliello, foi publicada em diferentes veículos no final da década de 1990. Em Paoliello et al. (2014), os autores do livro trouxeram essa proposta na íntegra, a qual foi revisada para publicação.

Essa interlocução com o contexto escolar foi frequentemente assinalada na entrevista do professor Jorge Pérez Gallardo, que traz relações importantes entre ginástica e educação física escolar, que tem como forte característica a vivência e a experimentação dos movimentos, sem uma preocupação exacerbada com o domínio técnico.

Na entrevista com o professor Jorge Pérez Gallardo, várias vezes ele se referiu às suas atividades docentes no Chile, as quais estão totalmente relacionadas às bases pedagógicas da proposta de GPT que ele desenvolveu juntamente com a professora Elizabeth Paoliello no GGU.

Em síntese, tomando como referência os princípios da formação humana e capacitação que embasam a proposta de GPT do GGU, consideramos relevante explicitar alguns pontos centrais que a constituem:

- O incentivo e a valorização do indivíduo em benefício do grupo;
  - O conteúdo utilizado parte das experiências individuais, socializadas a fim de servirem de base para a exploração de todo o grupo;
  - A liberdade na utilização dos conteúdos da cultura corporal;
  - O resgate dos valores culturais de cada grupo social;
  - O prazer na atividade (ludicidade);
  - A promoção da cooperação e da participação;
  - A experimentação de diferentes formas de organização social;
  - O estímulo à autossuperação e à criatividade;
  - A possibilidade de participação de todos os membros da sociedade (criança, adultos, idosos, deficientes etc.);
  - A discussão crítico-superadora das diferentes manifestações da cultura corporal que sejam utilizadas;
  - A aumento da interação social;
  - A demonstração das composições como produto final do processo educativo;
  - A elaboração e o respeito às normas e aos regulamentos criados pelo grupo.
- (PAOLIELLO et al., 2014, p.32)

Encontramos indícios desses pontos em diferentes excertos das narrativas dos entrevistados, como pudemos ver anteriormente e como veremos também nos depoimentos do atual coordenador do GGU, Marco Bortoleto e de Larissa Graner (coordenadora de 2007 a 2017), cujas narrativas traremos mais adiante.

Outro aspecto enfatizado nas entrevistas diz respeito à concepção de GPT do GGU, cuja proposta se transformou – de um trabalho apoiado, sobretudo, nas ginásticas artística e rítmica – em uma proposição mais abrangente, na qual a GPT é concebida como:

[...] uma manifestação da cultura corporal que reúne as diferentes interpretações da ginástica (natural, construída, artística, rítmica desportiva, aeróbica etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (dança, folclore, jogos, teatro, mímica etc.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes. (PAOLIELLO et al., 2014, p.33)

Ao incorporarem o conceito de cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992) à proposta de GPT do GGU, os professores Jorge Pérez Gallardo e Elizabeth Paoliello trazem uma perspectiva que possibilita ampliar a visão sobre as possibilidades de relação da ginástica com outras formas de expressão corporal, de modo livre e criativo.

Conforme mencionamos anteriormente, a professora Eliana de Toledo entrou na coordenação do GGU em 2005, permanecendo até dezembro de 2006. Nesse mesmo ano, após três anos de sua aposentadoria, a professora Elizabeth Paoliello convidou o professor

Marco Bortoleto (que acabava de chegar à FEF/Unicamp como docente) para coordenar o GGU juntamente com a professora Eliana de Toledo. A saída da professora Elizabeth Paoliello da coordenação do grupo não simbolizou seu afastamento do GGU. Ela apenas deixou de estar na “linha de frente” de suas atividades. Na continuidade desta história, no início de 2007, a professora Larissa Graner assumiu a coordenação juntamente com o professor Marco Bortoleto, a convite da professora Elizabeth Paoliello e do professor Marco Bortoleto.

Embora não seja o eixo central das ações do GGU, a vertente escolar de sua proposta<sup>10</sup>, iniciada com a entrada do professor Jorge Pérez Gallardo, acentuou-se nos últimos anos, desde que a professora Larissa Graner assumiu a coordenação do grupo, estendendo-se, ainda mais, para além dos muros da universidade. O fato de ela ser professora de educação física na escola pública há mais de 14 anos, certamente favoreceu a construção de um olhar educativo mais amplo. Além disso, seus estudos sobre a ginástica e, mais especificamente sobre a GPT, voltam-se para o contexto escolar. Especialmente em sua dissertação de mestrado (PINTO, 2013), ela traz importantes reflexões, que nos auxiliam a compreender a proposta de GPT do GGU, ao abordar os processos de criação relacionados ao ensino-aprendizado da ginástica na escola, tomando como referência os estudos de Salles (2006) sobre o processo criativo.

Trazemos abaixo um excerto da narrativa da professora Larissa Graner, no qual ela faz considerações mais específicas sobre as possibilidades da proposta na escola.

Para mim, a proposta do GGU, ela entra na escola e fala muito sobre como a ginástica pode ser modificada, como ela pode pegar o que já existe e, junto com a vida das pessoas, transformá-la. Fala muito sobre a criação e apresentação, e a partir disso todas as consequências, porque você pega o que você aprendeu nos momentos de vivências, que permite a criação desde o início do aprendizado, e não deixa de ensinar um elemento em sua maneira clássica e, caso queira, insere esse elemento na criação coletiva com aquilo que foi criado no primeiro momento, que é a primeira exploração. Então, você pega desde a primeira ideia, porque muitas coisas interessantes podem surgir nesses primeiros momentos e você propõe: “Olha, lembra tudo o que vocês criaram, isso vale agora para a criação de vocês, individual, em duplas, trios, grupos, etc.”. (LARISSA GRANER)

Como afirmamos em páginas anteriores, ocorreram transformações na proposta de GPT do GGU, à medida que novos professores foram assumindo a coordenação do grupo, cada um deles imprimindo suas marcas.

A perspectiva de trabalho coletivo, que demanda alto grau de implicação e corresponsabilidade, herança dos tempos de coordenação dos professores Jorge Pérez Gallardo e Elizabeth Paoliello, tem sido uma marca fundamental na proposta do grupo, a qual

---

<sup>10</sup> Diversas possibilidades de se trabalhar com a GPT na escola vêm sendo abordadas por diferentes autores, dentre os quais: Ayoub, 2007; Ayoub e Pinto, 2013; Bueno, 2004; Graner e Ayoub, 2016; Matsumoto e Ayoub, 2016; Pérez-Gallardo, 1993; Pinto, 2013; Schiavon, Toledo e Ayoub, 2017.



proporciona uma criação coletiva em todas as fases do processo. Esse ponto primordial foi reiteradamente mencionado nas narrativas dos professores Marco Bortoleto e Larissa Graner, que enfatizaram também que o exercício da autonomia do grupo consiste num valor que é cultivado pela coordenação.

Por sua vez, o professor Marco Bortoleto ressalta que a proposta é uma referência pelo “conjunto da obra”, reforçando as narrativas de outros coordenadores.

O GGU é uma referência de uma proposta universitária, de uma proposta de ginástica sólida, constante, regular, e que tem por trás uma série de outros trabalhos pedagógicos, de pesquisa etc. Então, o grupo é referência no conjunto da obra, não por ter feito uma coreografia espetacular etc., embora ele tenha também composições que deixaram pequenas marcas na memória de quem trabalha com ginástica. [...] Acho mais, acho que a proposta do GGU, embora ela ainda esteja em aperfeiçoamento, embora ela ainda tenha limites e etc., ela se transformou quase em um modelo que norteia outras propostas. [...] Por meio dela é possível identificar coisas que pra gente são importantes: composição coletiva, respeito às diferenças, uso de equipamentos não convencionais, uma série de coisas que são características do GGU e que as pessoas de fora identificam e usam a proposta. (MARCO BORTOLETO)

A proposta de GPT do GGU na atualidade, como síntese desta significativa história contada nas linhas anteriores, foi publicada no artigo intitulado “Grupo Ginástico Unicamp – potencializando as interações humanas” (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017), citado anteriormente. Nesse texto, os professores Larissa Graner, Elizabeth Paoliello e Marco Bortoleto assinalam aspectos fundamentais da proposta que aparecem nas narrativas dos entrevistados. Os autores apresentam também a nova síntese da proposta do Grupo Ginástico Unicamp (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017, p. 177), discutem detalhadamente a proposta e expõem elementos históricos para compreender sua constituição. É, portanto, uma publicação de grande relevância para a área.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mergulhar nas narrativas de nossos protagonistas, fomos construindo um caleidoscópio das memórias narradas. A convergência de ideias de nossos entrevistados em relação à constituição da proposta de Ginástica para Todos do Grupo Ginástico Unicamp nessa trajetória nos auxilia a elucidar quais são as permanências e as transformações que a acompanham.

Em linhas gerais, os entrevistados concordam que ocorreu a passagem de um trabalho mais afinado com uma perspectiva técnica apoiada nas modalidades gímnicas competitivas (sobretudo GA e GR) para uma concepção mais abrangente, que contempla um diálogo

efetivo da ginástica com outras manifestações da cultura corporal, com ênfase na interação social de todos os envolvidos. Por outro lado, ficou evidente, nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, que o GGU, desde sua origem, com as professoras Elizabeth Paoliello e Vilma Nista-Piccolo, sempre levou muito em conta a participação de todos os integrantes nos processos de criação. Essa participação foi, sem dúvida, ganhando outras dimensões e aprofundamentos ao longo do tempo e com a entrada dos novos coordenadores, com destaque especial para as transformações ocorridas com a entrada do professor Jorge Pérez Gallardo.

A professora Eliana de Toledo, após ter vivenciado intensamente a proposta do grupo como integrante, ressalta, por exemplo, que, ao entrar na coordenação do GGU ao lado da professora Elizabeth Paoliello, teve como desafio propor novas estratégias para ampliar a comunicação e a autonomia nas decisões coletivas do grupo: incentivou a sistematização de comissões de trabalho, a criação do *site* do GGU, entre outras ações.

Já com os professores Marco Bortoleto e Larissa Graner, também ex-integrantes do GGU, o grupo aprofundou essa perspectiva de trabalho assentada na criação coletiva e intensificou a autonomia de seus integrantes, potencializando as interações humanas; o acolhimento a universitários de diferentes áreas e níveis de formação ampliou também a participação de pessoas com perfis variados, que compõem a diversidade do grupo; e o incentivo constante à formação de novos pesquisadores contribuiu para o desenvolvimento da área. Com isso, o GGU atingiu um nível de excelência que faz jus às fundamentais contribuições dos coordenadores que os antecederam e, igualmente, dos integrantes do GGU que são, igualmente, importantes personagens dessa história.

Ao atentarmos ainda mais para os detalhes das narrativas dos entrevistados, encontramos indícios de que a proposta de GPT do GGU sempre teve sua centralidade no que estamos denominando de processo coletivo de criação, o qual foi adquirindo diferentes contornos ao longo do tempo, diferentes ênfases. Enfatizamos, mais uma vez, que sob a coordenação dos professores Marco Bortoleto e Larissa Graner, esta proposta assume de modo intenso e profundo as interações humanas como parte fundamental do processo coletivo de criação.

Em nosso percurso investigativo, consideramos que originalidade desta pesquisa reside no fato de termos trazido as vozes desses protagonistas para compreendermos a história em sua composição, e pela fala de nossos entrevistados pudemos acompanhar o seu movimento: deixar brotar a ideia inicial, fazer fluir o sonho, concretizá-lo; acreditar na possibilidade de criar um grupo livre das amarras das regras de pontuação próprias das modalidades gímnicas competitivas; criar um grupo calcado no trabalho coletivo e cooperativo, em que cada integrante, com suas experiências singulares, participa dos processos coletivos de criação que permeiam toda a sua atividade, como afirmamos acima.

Esse processo coletivo de criação tem como alicerce o diálogo, em que cada membro pode expressar-se com liberdade, pois se busca incessantemente um espaço acolhedor em que cada um pode expor suas ideias e sentimentos. Nesse sentido, os integrantes assumem o papel

de autores/autoras, de atores/atrizes e de diretores/diretoras, partilhando, colaborativamente, o protagonismo das ações. As tensões e contradições que frequentemente surgem são encaradas como constitutivas dos processos dialógicos e, portanto, são trabalhadas por meio de argumentos, com amorosidade, ética e estética, como nos ensina Paulo Freire (1996).

Por fim, ressaltamos que não tivemos a pretensão de esgotar o assunto, mas consideramos que esta investigação pode inspirar a realização de outras pesquisas sobre o tema, envolvendo, inclusive, integrantes e ex-integrantes que participaram do GGU em diferentes momentos de sua história.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *História oral, a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. 3. reimpr. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2013.

AYOUB, Eliana. *Ginástica geral e educação física escolar*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

AYOUB, Eliana; PINTO, Larissa Graner Silva. Transformando poema em gesto, corda em estrela, conduíte em flor... In: TOLEDO, Eliana de; SILVA, Paula Cristina da Costa (Org.). *Democratizando o ensino da ginástica: estudos e exemplos de sua implementação em diferentes contextos sociais*. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013. p. 23-48.

BUENO, Thaís Franco. *Ginástica de grande área: uma realidade possível no contexto escolar*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GRANER, Larissa; AYOUB, Eliana. Ginástica para Todos na educação física escolar: processos de criação na escola. In: OLIVEIRA, Michelle Ferreira de; TOLEDO, Eliana de

(Org.). *Ginástica para Todos: possibilidades de formação e intervenção*. Anápolis, GO: Editora da UEG, 2016. p. 97-117.

GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp – potencializando as interações humanas. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth (Org.). *Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017, p. 165-198.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; GOMES, Geisa Genaro; SILVA, Leila Cristina Borges da. *Memórias de leitura e formação de professores*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

MATSUMOTO, Marina; AYOUB, Eliana. Ginástica Geral na escola: uma proposta para todos. In: MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes; EHRENBERG, Mônica Caldas; BRATIFISCHE, Sandra Aparecida (Org.). *Temas emergentes em Ginástica para Todos*. Várzea Paulista: Fontoura, 2016. p. 103-122.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. *Formação e capacitação humana*. Tradução de Jaime A. Clasen. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MEIHY, José Carlos S. B. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

PAOLIELLO, Elizabeth et al. (Org.). *Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio. Proposta de uma linha de ginástica para a Educação Física escolar. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Lení (Org.). *Educação Física escolar: ser... ou não ter?*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 117-136.

PETRUCCI-ROSA, Maria Inês et al. Narrativas e mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. *Currículo sem Fronteiras*, Campinas - SP, v. 11, n. 1, p. 198-217, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/rosa-ramos-correajunior.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

PINTO, Larissa Graner Silva. *O processo de ensino-aprendizado da ginástica na “minha escola”*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Horizonte, 2006.

SARÔA, Giovanna Regina. *A história da ginástica rítmica em Campinas*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SARÔA, Giovanna Regina. *A constituição e o processo coletivo de criação do Grupo Ginástico Unicamp pelas vozes de seus coordenadores*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SARÔA, Giovanna Regina; PAOLIELLO, Elizabeth; AYOUB, Eliana. Grupo Ginástico Ânima Unicamp. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 8., 13 a 16 de outubro de 2016, Campinas. *Anais...* Campinas, SP: FEF/Unicamp; Sesc, 2016. p. 157-159.

SCHIAVON, Laurita Marconi; TOLEDO, Eliana de; AYOUB, Eliana. Por uma ginástica para toda a vida. In: GALATTI, Larissa Rafaela et al. (Org.). *Múltiplos cenários da prática esportiva: pedagogia do esporte*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. v. 2, p. 215-245.